

Maria Conceição Tavares

Maria Conceição Tavares foi uma das mais notáveis economistas desenvolvimentistas do Brasil. Estudou economia na Universidade Federal do Rio de Janeiro e depois na CEPAL, de onde logo se tornou economista e é autora sempre citada quando se fala na escola estruturalista cepalina. Foi professora na Unicamp e na UFRJ, e nas duas universidades fez escola. Entre seus amigos estiveram economistas de primeira linha como Celso Furtado, Antonio Barros de Castro, Carlos Lessa e Luiz Gonzaga Belluzzo. Eu a conheci bem e tivemos sempre uma relação muito cordial. O *Brazilian Journal of Political Economy*, sempre identificado com a teoria econômica e a economia política heterodoxas, publicou sete papers seus. Diante do seu falecimento em 8 de junho de 2024, fica aqui a homenagem do *journal* que inclui seu obituário publicado pelo jornal *Valor*.

Obituário publicado por *Valor*, 10.06.2024

Talvez um dos maiores méritos da economista Maria da Conceição Tavares, que faleceu sábado (8) em Nova Friburgo, aos 94 anos, tenha sido sua inesgotável capacidade de provocar polêmica e conseguir levar adiante debates sobre política e economia que, de outra forma, poderiam ficar restritos a pequenos grupos ou mesmo passar despercebidos, sem influenciar políticas públicas e decisões governamentais.

Professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) durante muitos anos, inclusive depois de aposentada, autora de livros adotados em muitos cursos de economia e de artigos publicados durante 12 anos pelo jornal “Folha de S. Paulo”, Conceição Tavares teve entre seus alunos alguns dos economistas que dirigiram as finanças do país desde a redemocratização do Brasil depois do regime militar. Com alguns desses ex-alunos e colegas, manteve polêmicas públicas e ferozes, sobretudo com economistas liberais.

Dona de uma personalidade marcante, com tom de voz e sotaque inconfundíveis, controversa, debatedora incansável, ao mesmo tempo em que ganhou adversários na economia e na política, ela também colecionou admiradores, economistas em sua maioria, que prezavam a agudeza das suas críticas e a fidelidade às suas convicções, desprezando modismos do pensamento econômico.

Conceição Tavares - chamada simplesmente de Maria por alguns dos amigos mais próximos - conviveu com a maior parte dos economistas de renome do país durante a segunda metade do século XX e os primeiros anos deste século e deixou sua marca não apenas como uma espécie de “agitadora” de ideias, mas também pelo seu pioneirismo em estudar temas como a industrialização no Brasil e a ênfase, que ela considerava exagerada, no mercado financeiro.

Maria da Conceição de Almeida Tavares nasceu na cidade de Anália, em Portugal, no dia 24 de abril de 1930. Licenciou-se em matemática na Universidade de Lisboa. Um ano depois de formada, em 1954, mudou-se para o Brasil, tendo se naturalizado brasileira poucos anos depois, em 1957.

Em uma entrevista à revista “Praga”, explicou sua decisão de migrar: “Quando saí de Portugal, em 1954, os problemas lá eram democracia, humanismo, terror. Já no Brasil, eram a injustiça social, o atraso e a presença do imperialismo. Quando entrei para o (então) BNDE, aluna de economia ainda, deparei-me com as estatísticas: esse país é uma desigualdade só. Compreendi, então, as dificuldades das tentativas de construção de uma democracia nos trópicos.”

No banco que é hoje o BNDES, ela trabalhou como analista, entre 1958 e 1960 - ano em que terminou a faculdade de ciências econômicas na então Universidade do Brasil. Imediatamente, passou a dar aulas ao mesmo tempo em que fazia seu curso de pós-graduação em desenvolvimento econômico na Comissão Econômica para América Latina (Cepal).

Foi colaboradora da Cepal entre 1961 e 1974. Em 1973, foi uma das fundadoras do primeiro curso de pós-graduação em economia na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Obteve doutorado na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) em 1975, defendendo a tese “Acumulação de capital e industrialização no Brasil”. Com a aposentadoria de Octavio Gouvêa de Bulhões, três anos depois, tornou-se professora titular na UFRJ.

Também foi uma das criadoras do Instituto de Economistas do Rio. Em 1980, formalizou sua participação política filiando-se ao PMDB. Na entrevista à revista “Praga”, comentou da seguinte forma sua decisão de entrar no partido:

“Minha militância no PMDB durou de 1978 a 1988 e está indissolivelmente ligada a duas personalidades públicas deste país: Ulysses Guimarães e Fernando Henrique Cardoso. O primeiro, Deus levou antes de testemunhar a ruína do seu partido e o apodrecimento da grande frente democrática que liderou durante tantos e tantos anos, nessa travessia infundável para a democracia. O segundo foi meu companheiro da luta político-intelectual por décadas. Quando saiu para fundar o PSDB não o acompanhei porque o grupo de economistas do PMDB permaneceu fiel a Ulysses, já que era sob sua serena condução que nos movíamos. Foi na sua ala, a Travessia, que nos reuníamos para discutir, organizar programas econômicos e debater com os quadros técnicos e cúpulas políticas do partido.”

Compreendi, então, as dificuldades de construção de uma democracia nos trópicos”
— Conceição Tavares

No governo de FHC - a quem Conceição Tavares continuava a tratar como Fernando, mesmo durante seu tempo na Presidência da República - ela foi dura crítica da política econômica, em especial no que se referia à decisão de manter as taxas de juros elevadas e o real, sobrevalorizado.

Na época em que o então presidente do Banco Central, Gustavo Franco, saiu do governo, Conceição Tavares, então deputada, fez em discurso no Congresso em que afirmou que o presidente Fernando Henrique deveria ter demitido Franco quando disse que não subiria os juros e acabou aumentando a taxa, em setembro, para 50%.

“Ali ele tinha que ter demitido esse menino”, disse. Concluiu seu discurso de protesto no plenário afirmando que a “desvalorização cambial decretou a falência da política econômica do governo”.

Na primeira metade dos anos 1980, Conceição Tavares ganhou maior notoriedade fora dos meios acadêmicos ao publicar uma série de trabalhos criticando a política econômica do governo. São dessa época seus livros “A economia política da crise: problemas e impasses da política econômica brasileira” e “O grande salto para o caos: a economia política do regime autoritário”, este com José Carlos de Assis.

Apoiou o Plano Cruzado e chorou em uma entrevista à televisão, ao comentar os efeitos que a estabilização monetária poderia trazer para os mais pobres.

Em 1994, ela se filiou ao Partido dos Trabalhadores (PT), elegendo-se deputada federal pelo Estado do Rio de Janeiro, onde sempre morou desde que chegou ao Brasil. Depois de cumprir um único mandato, desiludida com o pouco que conseguiu realizar como parlamentar, ela desistiu de concorrer a outros cargos públicos.

Mas voltou a participar do governo federal, assessorando o senador petista Aloizio Mercadante, de São Paulo, após a eleição do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, cujo governo ela influenciou também por meio da indicação do amigo Carlos Lessa, que ocupou a presidência do BNDES até 2004.

Crítica também da política econômica adotada pelo governo Lula, Conceição Tavares resolveu parar de escrever em jornais em setembro de 2004. Em sua última contribuição à “Folha de S. Paulo”, ela deixou explícita a determinação do seu caráter: “Depois de mais de 40 anos de luta intelectual no campo da heterodoxia e de militância nas lutas democráticas populares e nacionais, ainda não desisti das lutas maiores.” Por isso mesmo, decidira parar de escrever - o que a obrigava a ler “centenas de matérias econômicas” - para “poupar as energias que me sobram para as únicas tarefas a que nunca me neguei”.

Legado da economista

Obras de Maria da Conceição

Da substituição de importações ao capitalismo financeiro. Zahar, 1972

Acumulação de capital e industrialização no Brasil. Tese de livre-docência (UFRJ), 1975, Ed. Unicamp, 1986.

Ciclo e crise. O movimento recente da economia brasileira. Tese de professora titular (UFRJ), 1979.

A economia política da crise (Org). Ed. Vozes/Achiamé, 1982.

O grande salto para o caos: a economia política do regime autoritário (Coautoria com José Carlos de Assis). Zahar, 1985.

Aquarela do Brasil: ensaios políticos e econômicos sobre o governo Collor (Org. e introdução). Ed. Rio Fundo, 1991.

Japão: um caso exemplar de capitalismo organizado. (Coautoria com Ermani Torres Filho e Leonardo Burlamaqui). Ipea/Cepal, 1991.

Ajuste global e modernização conservadora. (Coautoria com José Luis Fiori). Ed. Paz e Terra, 1993.

Celso Furtado e o Brasil. (Org.) Fundação Perseu Abramo, 2000.
